

A verdade, sem heroísmo

O Extremo Oeste
Sérgio Buarque de Holanda
Brasiliense. 172 pgs.

A publicação de obra póstuma de Sérgio Buarque de Holanda, girando em torno de tema que sempre o preocupara – a descoberta das raízes do Brasil, desde os tempos coloniais –, tem o mérito de reavivar o interesse pela valiosa produção de um historiador clássico-moderno. Produção que se inicia em momento de expressiva renovação (ou criação?) das ciências sociais em nossa terra, com o lançamento de marcos importantes, como *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, *Evolução Política do Brasil*, de Caio Prado Jr., sem falar nos trabalhos em gestação de Oliveira Vianna (*Instituições Políticas Brasileiras*) ou de Nestor Duarte, sobre o Estado nacional. A década de 1930, assinalada historicamente, sob o ponto de vista mais exaustivamente conhecido, e contendo páginas de raro vigor estético e literário, a presente obra destina-se a público erudito e especializado, parecendo longe de causar o impacto, por exemplo, de *Raízes do Brasil*. Não deixa, contudo, de exercer salutar influência no sentido de contribuir para a desmistificação da história pátria, cuidadosamente evitada pela historiografia oficial e dificilmente tentada pelos novos historiadores.

Com a sua larga e acurada visão profissional, Sérgio Buarque de Holanda inicia esses estudos sobre a ocupação do extremo oeste pelos paulistanos, a partir do século XVII, rebatendo a versão heroica que circula sobre os bandeirantes. As incursões que fizeram até o longínquo Paraguai não se deveram nem a um fictício espírito aventureiro e muito menos a impulsos de patriotismo, tendentes a alargar o império português, fortalecendo as glórias dinásticas. Carecendo de mão-de-obra para desenvolver atividades produtivas, no campo da agricultura e da pecuária, na região vicentina, “impelidos por um triste viver cotidiano e caseiro, pelejando contra a pobreza”, esses pioneiros largavam-se pelo interior, por meses e anos, à cata de índios, que transformariam em escravos, em auxiliares fugidios nos duros trabalhos da lavoura. Nem mesmo o ouro, durante muito tempo, seduziria a esses camponeses temerosos das conseqüências que o metal precioso trazia atrás de si: o crime e a depravação.

Mas quanto custava esta busca de mão-de-obra! Primeiro, a deficiência de meios de transportes, a pre-

riedade dos caminhos e estradas a serem trilhados, na maioria das vezes, de pés no chão. Até a segunda metade do século 18, quase não existiam cavalos e muares em São Paulo e praticamente todo o transporte se fazia nas costas dos índios, transformados, antes da vinda dos negros, em índios de carga. E depois, a natureza agreste, os tormentos do calor e do frio, as distâncias que faziam as viagens até o pantanal Mato-grossense demorarem meses. Além disso, talvez, a resistência dos índios, as emboscadas que armavam contra os invasores enfrentando, com superioridade, com suas flechas e clavas velozes e resistentes, a morosidade dos trabucos, difíceis de carregar, difíceis de armar, difíceis de conservar. Os paiaguás, que só lutavam nas águas, os caiapós e, sobretudo, os guaicu-



Sérgio B. de Holanda: luta no Oeste

rus, altos, fortes, corajosos, eram os mais resistentes e, em algumas ocasiões, apesar da inimizade secular que os separavam, faziam alianças na luta contra o inimigo comum.

Outra preocupação de Sérgio Buarque de Holanda está relacionada com a imagem que se pretendeu forjar da superioridade da diplomacia portuguesa sobre a espanhola, da capacidade excepcional dos seus estadistas em obter vantagens territoriais sobre os adversários tradicionais na América Latina. Ajunte-se a esta visão, por conta dos bandeirantes, descendentes dos lusos, a idéia de que teria sido o prestígio político e não as qualidades militares dos brasileiros, os responsáveis pelos nossos êxitos no terreno da expansão territorial.

Enquanto a figura do castelhano, sempre montado a cavalo, projetar-se-ia, nos campos de batalha, a silhueta do bandeirante-português, sempre a pé, assimilador dos costumes e da cultura indígena, tupi-guarani, destacava-se pela sagacidade de negociação, inclusive política. Para entender-se tais tipos de mentalidade, insinua o historiador, deve-se deixar de lado o estereótipo de cunho idealista e considerar-se as condições históricas, econômicas e sociais concretas. Em várias ocasiões os portugueses foram batidos diplomaticamente pelos espanhóis (Molucas, por exemplo), como os castelhanos seriam derrotados pelos lusos, militarmente, no campo de batalha. Por outro lado, freqüentemente, os bandeirantes brilhavam mais pela utilização da crueldade e da força, do que pela inteligência.

Ainda dois tópicos deveriam ser destacados da leitura d'*O Extremo Oeste*. O primeiro refere-se à aliança que paulistas e paraguaios fizeram entre si para combater os jesuítas e suas missões, contrárias aos seus interesses de apesadores de índios. Desta união resultou, inclusive, a perpetuação dos laços entre os guairenses e paulistanos, através de constantes enlacs matrimoniais. O segundo, relaciona-se com o papel desempenhado no desenvolvimento comercial de Buenos Aires pelos portugueses, ainda no século 18, quando esta cidade, situada na baía do Prata, uma das rotas de navegação para o extremo oeste brasileiro, através do Paraguai, adquire importância, tendo em vista as riquezas minerais do Peru. A tal ponto incrementaram-se as relações entre Buenos Aires e os portugueses residentes no Brasil, que a futura capital da Argentina seria considerada como cidade de portugueses.

Finalmente, destaque-se mais um traço crítico e inovador da atividade intelectual de Sérgio Buarque de Holanda. Enquanto as atenções historiográficas, nos séculos 17 e 18, estão voltadas para a região das Minas Gerais, pólo dinâmico da economia e da sociedade brasileiras à época, o mestre paulista encaminha todo o labor na descoberta de novos horizontes, de outros paraísos infernais.

José Nilo Tavares

Senhor, nº 273

10.6.86